

## IMPACTOS PSICOLÓGICOS OCASIONADOS PELA DEPENDÊNCIA EMOCIONAL EM MULHERES NOS RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

PSYCHOLOGICAL FACTORS THAT IMPLY IN THE EMOTIONAL DEPENDENCE OF WOMEN IN ABUSIVE RELATIONSHIPS

Emily Vitoria Meira da Luz <sup>1</sup>, Márcia Maria Borges <sup>2</sup>, Kathleen van de Riet <sup>3</sup>.

1 Estudante do curso de Psicologia

2 Estudante do curso de Psicologia

3 Docente do curso de Psicologia

**Resumo:** O presente estudo busca compreender os fatores psicológicos que contribuem para a permanência de mulheres em relacionamentos conflituosos, utilizando a Teoria de Esquemas (TE) de Jeffrey Young e a Teoria do Apego de John Bowlby. A TE destaca que experiências da infância moldam escolhas adultas através dos Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs), enquanto a Teoria do Apego associa comportamentos de apego à qualidade dos vínculos afetivos primordiais. A pesquisa analisa como essas dinâmicas influenciam a repetição de padrões familiares e a manutenção do ciclo da violência, caracterizado por fases de tensão, agressão e reconciliação, que causam danos emocionais e psicopatológicos nas mulheres. Além disso, foi realizada uma busca sistemática para entender a disponibilização de recursos estatais para reduzir a violência contra a mulher, incluindo o mapeamento de delegacias no Paraná. Constatou-se que esses serviços muitas vezes falham em atender adequadamente a população-alvo. Com base nos achados, o estudo propõe várias sugestões, como por exemplo, a psicoeducação no combate à violência contra a mulher, incentivo à criação de vínculos interpessoais saudáveis, promoção da participação feminina em decisões, programas de proteção e prevenção para diferentes faixas etárias, ações educacionais em escolas, empresas e universidades, apoio a pesquisas sobre o tema e trabalho em redes multiprofissionais. Essas medidas visam não só proteger as vítimas, mas também construir uma sociedade mais justa e igualitária, permitindo que as mulheres vivam sem violência e com direitos plenamente garantidos.

**Palavras-chave:** Relacionamentos Abusivos. Padrões de comportamento. Ciclo da Violência.

**Abstract:** The present study seeks to understand the psychological factors that contribute to women remaining in conflictual relationships, using Jeffrey Young's Schema Theory (TE) and John Bowlby's Attachment Theory. TE highlights that childhood experiences shape adult choices through Initial Maladaptive Schemas (EIDs), while Attachment Theory associates attachment behaviors with the quality of primordial emotional bonds. The research analyzes how these dynamics influence the repetition of family patterns and the maintenance of the cycle of violence, characterized by phases of tension, aggression and reconciliation, which cause emotional and psychopathological damage to women. Furthermore, a systematic search was carried out to understand the availability of state resources to reduce violence against women, including mapping police stations in Paraná. It was found that these services often fail to adequately serve the target population. Based on the findings, the study proposes several suggestions, such as psychoeducation to combat violence against women, encouraging the creation of healthy interpersonal bonds, promoting female participation in decisions, protection and prevention programs for different age groups, educational actions in schools, companies and universities, support for research on the topic and work in multi-professional networks. These measures aim not only to protect victims, but also to build a more just and equal society, allowing women to live without violence and with fully guaranteed rights.

**Keywords:** Abusive Relationships. Behavior patterns. Cycle of Violence.

## 1 Introdução

Nos últimos anos, uma preocupação crescente tem sido direcionada à compreensão dos fatores psicológicos que influenciam a permanência de mulheres em relacionamentos conflituosos e abusivos. Este estudo propõe-se a abordar essa questão fundamental na área da psicologia, utilizando como base teórica a Terapia do Esquema (TE) desenvolvida por Jeffrey Young. A TE oferece uma lente única para entendermos as dinâmicas complexas que sustentam relacionamentos disfuncionais. Através da análise dos Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs), é possível identificar como as experiências da infância moldam as escolhas e comportamentos na vida adulta, incluindo as relações amorosas.

A Organização das Nações Unidas (ONU), relata que a violência doméstica no Brasil é uma violência de gênero, devido ao número de vítimas ser significativamente maior em mulheres. Elas são as mais afetadas pela permanência em relacionamentos abusivos. A dependência emocional emerge como um dos fatores cruciais nesse contexto, caracterizada pela busca incessante por afeto e cuidados por parte do parceiro. Além disso, o tipo de comportamento de apego construído na infância também desempenha um papel significativo. A Teoria do Apego de Bowlby descrita em seu livro *Apego e Perda* (1990) sugere que os vínculos afetivos estabelecidos na primeira infância influenciam diretamente os padrões de apego na vida adulta, podendo perpetuar relacionamentos prejudiciais.

A pandemia trouxe à tona uma preocupação ainda maior, com a Organização Mundial da Saúde (OMS) alertando para o agravamento dos fatores associados à violência contra a mulher. Nesse contexto, compreender os motivos que levam as mulheres a permanecerem em relacionamentos abusivos torna-se ainda mais urgente. Diante desse cenário, este estudo visa aprofundar a compreensão desses fatores, contribuindo para a elaboração de hipóteses teóricas pertinentes à discussão. A resolução da ONU sobre a violência contra a mulher fornece um quadro conceitual essencial para essa investigação, delineando a complexidade e gravidade desta problemática.

Por meio de uma abordagem multidisciplinar, este trabalho busca incorporar diferentes perspectivas teóricas que abordaram o tema, oferecendo reflexões para profissionais da área, estudantes e demais interessados. Pretende-se, assim, contribuir para um maior entendimento e sensibilização sobre essa questão, abrindo caminho para futuras investigações e formas de intervenção.

Diante dos fatos expostos, o trabalho busca compreender, quais os fatores que corroboram para a permanência dessas mulheres nessas relações violentas?

Portanto, este estudo se destaca por sua abordagem multidisciplinar e sua contribuição para o entendimento das questões psicológicas subjacentes à permanência em relacionamentos abusivos. Ao sintetizar e analisar o conhecimento existente na literatura, este trabalho busca fornecer uma base sólida para futuras pesquisas e intervenções no campo da psicologia relacionada aos relacionamentos interpessoais.

## 2 Material e Métodos

Este estudo se caracteriza como uma revisão bibliográfica que visa investigar os fatores psicológicos associados à permanência de mulheres em relacionamentos conflituosos e abusivos. Utilizando uma abordagem metodológica, este trabalho se propõe a sintetizar e analisar o conhecimento existente na literatura psicológica sobre o tema em questão. A metodologia adotada incluiu a exploração de diversas fontes de informação, a seleção dos materiais foi orientada por critérios específicos, como a relevância dos temas abordados, a atualidade das publicações e a afinidade com o escopo do estudo.

A análise dos materiais foi realizada de forma crítica e sistemática, com o objetivo de identificar e sintetizar os principais conceitos pertinentes ao tema. Essa abordagem permitiu uma compreensão aprofundada das dinâmicas complexas que sustentam esses relacionamentos, oferecendo reflexões para a compreensão e intervenção nesta problemática.

Inicialmente, foram exploradas algumas fontes de informação, incluindo livros de renomados teóricos da psicologia, e a plataforma SciELO Brasil (Scientific Electronic Library Online). Essa plataforma foi escolhida devido à sua abrangência e relevância na disponibilização de materiais científicos na área de interesse.

A seleção dos materiais inicialmente analisados seguiu critérios específicos, incluindo a relevância dos temas abordados e a atualidade das publicações. A busca foi direcionada por palavras-chave relevantes, tais como "relacionamentos abusivos", "esquemas iniciais adaptativos e desadaptativos", "relacionamento interpessoal", "dependência emocional no relacionamento abusivo", "violência contra mulher", "políticas públicas para mulheres em situação de violência", entre outras relacionadas ao escopo do estudo. Os artigos selecionados para análise foram limitados a publicações com menos de 10 anos de idade, com exceção de um material cujo ano era 2002, isto deu-se perante o objetivo de contemplar as contribuições mais recentes da literatura científica. Após uma análise inicial, os artigos foram refinados com base em sua afinidade com o tema específico deste trabalho, garantindo a inclusão daqueles que mais contribuem para a compreensão dos fatores psicológicos relacionados à permanência de mulheres em relacionamentos abusivos.

A partir dos materiais selecionados, realizou-se uma análise crítica e sistemática dos construtos teóricos apresentados pelos autores, resumindo suas ideologias e refinando-as de acordo com o tema em questão. Essa abordagem permitiu uma síntese cuidadosa e detalhada das teorias, conceitos e evidências relevantes, proporcionando uma base sólida para a elaboração deste artigo.

## 3 Resultados e discussão

A teoria do apego/vinculação pode ser usada como leitura do fenômeno do abuso nos relacionamentos íntimos. A Teoria do Apego foi desenvolvida a partir da segunda metade do século XX, John Bowlby foi psiquiatra infantil e psicanalista inglês, ele estudou o apego em humanos. Segundo o autor, o ser humano desde muito cedo é dependente do outro para sobreviver. Ele é inserido em um grupo quando ainda é um bebê. Considerando as necessidades de cuidados que ele possui, é possível observar na Teoria do Apego de John Bowlby que os vínculos afetivos criados ainda na infância acompanham o sujeito ao longo da vida. Analisando com olhar

evolucionista, o afeto é inato do ser humano, o bebê devido a necessidade de sobrevivência, acaba criando um vínculo de forma unidirecional com o cuidador. Quando se torna adulto a relação passa a ser recíproca (Melo, 2004).

O termo amor é subjetivo, pouco usado para definir a uma relação amorosa, já o termo afeto é compreendido por Bowlby (1989) como comportamento, que une e aproxima a pessoa a uma figura de identificação, necessária para que a mesma sintase segura. É necessário compreender que o vínculo afetivo e o apego são estados internos do sujeito.

Baseadas nas experiências e nos padrões típicos de interação com as figuras significativas durante a infância, cada pessoa eventualmente constroi “modelos internos dinâmicos” que determinam seus comportamentos interpessoais posteriores (Paiva & Figueiredo, 2003). É a partir desses modelos que a pessoa estabelece expectativas acerca do que pode esperar de si e dos outros em relacionamentos.

Apego diz respeito ao vínculo emocional estabelecido entre seres humanos, em que um deles representa uma figura de apego e o outro busca proximidade a essa figura em situações de desconforto ou ameaça. A relação parental e familiar, assim como as experiências, tem grande influência na questão social, aspecto afetivo e estado emocional dos indivíduos. Assim, o apego aprendido durante a infância persistirá até a fase adulta, a relação com os pais ou cuidadores é a responsável por criar a base para as formas de relacionamentos e como essas relações serão estabelecidas. A teoria de Bowlby (1990) relata que a relação com a figura de apego, está ligada à figura da mãe ou cuidador principal. Bowlby descreve três estilos de apego na infância: apego seguro, apego inseguro resistente/ambivalente e apego inseguro/evitativo.

**Apego Seguro:** Tem a figura de apego como base segura a partir da qual explora o ambiente. Tem comportamento de protesto na ausência da figura de apego, e quando esta retorna a criança é emocionalmente regulada, ao retomar o contato com a figura de apego.

**Apego inseguro resistente/ambivalente:** A criança não explora o ambiente de forma adequada, na ausência da figura de apego apresenta comportamento excessivo de protesto e manifesta dificuldades de ser regulada emocionalmente na presença da figura de apego.

**Apego Inseguro/Evitativo:** A criança não tem a figura de apego como base segura e explora o ambiente de forma tranquila, sem precisar de contato com esta. Na ausência da base segura não apresenta comportamento de protesto e não busca contato após o retorno desta ao ambiente.

Bowlby (1989), afirma que o desenvolvimento do sujeito acontece baseado na relação com a figura de apego, ou seja, o cuidador principal.

Um apego seguro é definido quando os cuidadores são atenciosos e sensíveis às necessidades da criança e estando disponível para apoiar em suas necessidades. Por outro lado, o apego inseguro pode fazer com que a criança não se sinta confiante em relação aos seus cuidadores, torne-se ansiosa e com receio do risco de separação ou perda. A falta de um vínculo seguro e confiante com o cuidador principal poderá desenvolver sentimentos de desconfiança e medo na criança para explorar novas experiências. Já indivíduos que apresentam um estilo de apego inseguro evitativo, apresentam uma indiferença nas relações, e relataram sentir-se incomodados com a proximidade física e emocional com o parceiro amoroso.

Mulheres que sofrem violência em relacionamentos abusivos, principalmente as que permanecem nessas relações, podem estar repetindo um padrão de comportamento familiar (Bowlby, 1989), em algum momento de sua vida tiveram interações violentas. Isso poderia explicar porque mesmo tendo possibilidades e recursos para romper o ciclo de violência, optam por permanecer na situação. Decidir romper ou não com o ciclo de violência pode estar ligado às vivências de violência ainda na infância. As experiências com comportamentos violentos poderiam ser experimentadas de maneira direta ou indireta. No sentido indireto existe uma possibilidade de repetição de padrão de apego dos pais no sentido de repetir o comportamento. Assim, o comportamento de violência dos pais pode desencadear em uma repetição de comportamento para os filhos. Dessa forma, as vivências dos pais podem influenciar a próxima geração e assim sucessivamente.

Nesse sentido a mulher que vive em situações de violência pode ter aprendido com suas figuras parentais que a única forma de viver e explorar o mundo é através da violência.

Segundo (Bowlby 1989), a figura de apego é representada como uma base segura, que faz com que o indivíduo sinta-se mais preparado para enfrentar os problemas quando o sujeito se sente ameaçado ou inseguro. Nesse sentido, a mulher que possui o apego inseguro recorre à figura de apego que pode ser o parceiro quando ele mesmo a deixa em estado de vulnerabilidade e insegurança. Isso explica a dificuldade para a mulher romper este ciclo de insegurança e violência, a mesma figura que acolhe é a figura que faz adoecer. Bowlby (1990) define ansiedade de separação como uma resposta à ameaça ou ao risco de perda. A mulher que vivencia a insegurança através ameaças de abandono ou separação, faz de tudo para evitar que isso ocorra, e mantém-se no relacionamento violento. As relações afetivas na fase adulta estão diretamente relacionadas aos vínculos e relações significativas desenvolvidas durante a infância, levando em consideração se durante essa fase as necessidades emocionais do indivíduo foram suficientemente atendidas. Dessa forma, tem-se como base para relações futuras estáveis o desenvolvimento do indivíduo um ambiente seguro e de confiança, que proporcione conforto, receptividade e um vínculo afetivo estável.

Devido a isso, Ramires e Schneider (2010), afirmam que é fundamental que exista uma rede de apoio para os cuidadores, que possuem dificuldades com vínculos familiares.

A Psicologia e a Filosofia podem contribuir de várias formas para auxiliar na redução de transtornos ocasionados por relacionamentos abusivos, considerando as relações que as possíveis causas e efeitos potenciais são muito estudadas por estas áreas do conhecimento. O Psicólogo, pode atuar de forma direta, auxiliando cada um para entender a si mesmo e ao outro com clareza, ou em clínicas particulares, ou trabalhando com pessoas que necessitem de ajuda em locais especializados para apoio à vítima, em Delegacia da Mulher, o auxílio profissional de um psicólogo é essencial em casos de violência conjugal.

Concomitante a esses construtos e pautado nas reflexões de Emmanuel Lévinas e Arthur Schopenhauer, busca-se elucidar também, a dinâmica do vínculo e do contato/encontro com o outro no início de um relacionamento amoroso.

Segundo Lévinas (1980, 1982), a posse do outro no amor é uma ilusão. A paixão, impulsionada pela busca por essa posse, gera ciúmes, angústia e a constante ameaça da perda. A relação amorosa, sob essa ótica, é marcada pela efemeridade

e pela frustração, pois a totalidade do outro se esvai diante da impossibilidade de posse.

Em contraposição à posse, Lévinas propõe a relação "Eu-Tu" como base para um amor autêntico. Nessa relação, o outro se apresenta como um rosto, uma demanda ética que interpela o "Eu" e o convida à responsabilidade. O respeito à individualidade do outro, à sua liberdade e aos seus limites, torna-se fundamental para a construção de um vínculo saudável.

Já Schopenhauer (1819) via o amor como uma forma de egoísmo, pois busca a satisfação das próprias necessidades. Já Lévinas, reconhecendo a compaixão como um sentimento natural que surge do sofrimento do outro, a eleva a um patamar mais alto: a responsabilidade pelo outro. O sofrimento do outro nos afeta e nos convoca a agir, a cuidar e a proteger.

Lévinas (1947), reitera que a autonomia, tanto individual quanto relacional, é crucial para um relacionamento saudável. Lévinas complementa também ao dizer que o "Eu" e o "Tu" coexistem em suas individualidades, compartilhando momentos e construindo uma história em conjunto, sem a busca sufocante por posse ou dominação.

Bowlby (2006), afirma, "Numa parceria feliz existe um constante dar e receber" nesse sentido uma relação saudável é composta por reciprocidade e equilíbrio, mas infelizmente nem sempre isso ocorre, vários relacionamentos entram em um mix de amor e adoecimento.

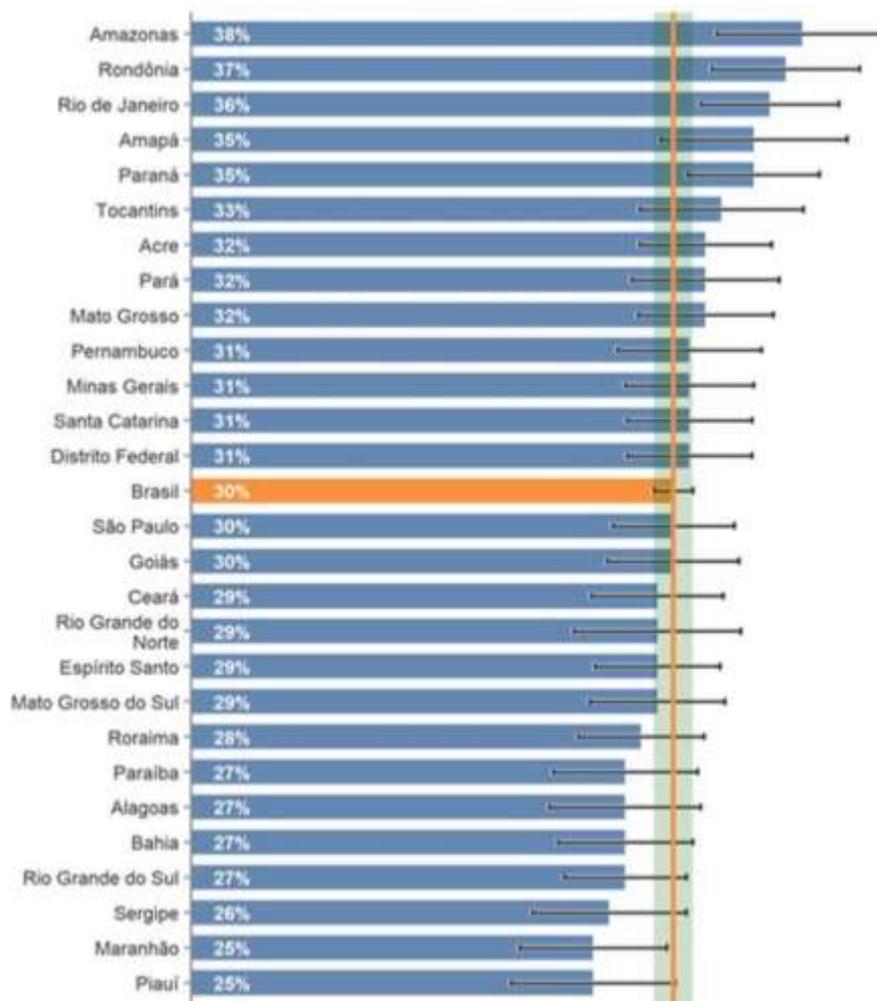
Existem modelos saudáveis e modelos que se tornam doentios e disfuncionais. Relacionamentos que acarretam diversos sofrimentos e prejuízos para todos que estão envolvidos no contexto.

Infelizmente são muitos os casos de violências de várias formas geradas contra mulheres, que vivenciam relacionamentos abusivos.

Alguns estudos apresentam estatísticas sobre essa temática, tais como os que serão expostos a seguir:

A décima edição da pesquisa DataSenado, atualizada em 2023 e desenvolvida pelo Senado Federal da Agência Senado, aponta que 30% das brasileiras já sofreram algum tipo de violência doméstica ou familiar provocada por homens. As estatísticas nos últimos anos, apresentaram aumento dos índices de mulheres que declaram ter sofrido violência doméstica ou familiar.

**Figura 1:** “Distribuição de mulheres que declararam ter sofrido algum tipo de violência doméstica ou familiar provocada por homem em cada unidade da Federação” – População Feminina – Brasil – 2023.



**Fonte:** Instituto de Pesquisa DataSenado – Coleta de 21.08 a 25.09.2023.

É complexo mensurar com exatidão a violência contra a mulher, considerando que várias ocorrências sequer são notificadas. Em um estudo realizado em 16 capitais brasileiras, com aproximadamente 7.000 mulheres, de 15 a 69 anos. Constatou-se uma prevalência de 78% para casos de agressão psicológica e uma variação de 13% a 34% para os casos de violência física.

O Brasil é um dos países mais violentos, ocupa o 5º lugar em taxas de feminicídio, segundo o Mapa da Violência de 2015, elaborado pela Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais (FLACSO). Esses dados demonstram a gravidade e urgência do problema.

Algumas medidas governamentais foram adotadas nos últimos anos, entre elas destaca-se a Lei Maria da Penha número 11.340/2006, desenvolvida com finalidade de coibir violência contra a mulher e respaldar as mulheres vítimas de violências (Governo Federal, 2006). Foram criadas as Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAM).

Infelizmente essas medidas não foram suficientes, dados apresentados pela Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM PR) ,

apresentada no ano de 2015, indica que não houve redução significativa nos números de violência contra a mulher.

Os tipos de violência contra a mulher tipificada pela Lei Maria da Penha são:

- A violência física: Designa-se como qualquer ato que fira a integridade física da vítima.
- Violência psicológica: Ocorre como qualquer conduta que resulte em dano emocional e baixa autoestima, que objetive degradar ou controlar ações, comportamentos, crenças e decisões através de diferentes atitudes.
- Violência sexual: Se dá por quaisquer atos que a constranja a presenciar, manter ou participar de relação sexual indesejada, quando tem seus direitos sexuais e reprodutivos limitados por algum meio ou que seja forçada a prostituição, gravidez ou matrimônio;
- Violência patrimonial: É compreendida como qualquer ato que implique em reter ou destruir documentos pessoais, bens, instrumentos de trabalho e recursos econômicos da mulher.
- Violência moral: É classificada como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria (BRASIL, 2006).

Em diversos casos ocorrem vários tipos de violência ao mesmo tempo, quase nunca de maneira isolada. As lesões ocasionadas à mulher que sofre a violência, vão muito além das marcas no corpo. Trazem imensos danos emocionais, prejuízos ao desempenho profissional, perda de emprego, isolamento social, podendo levar até a morte. Muitas vezes a vítima possui ou uma relação de intimidade e afeto com o agressor dentro da própria casa, que tornam -se cenários de medo e insegurança.

É fundamental esclarecer que todas as violências, trazem prejuízos para desenvolvimento humano, nos aspectos cognitivos, sociais, emocionais e afetivos. Essas mulheres tendem a ter baixa estima, fato que aumenta sua vulnerabilidade e sua condição de aceitação das vivências de violência de maneira natural.

Estudos apontam que vários motivos levam a mulher a vivenciar um relacionamento violento, porém destaca-se nessa temática as questões relacionadas à subjetividade das vítimas. Há indícios de que as mulheres em situação de violência doméstica tendem a apresentar problemas psicológicos e psiquiátricos, que podem estar ligados às experiências de violência sofridas durante a infância ou a violência a que estão expostas. A Terapia de Esquema apresenta respaldo para auxiliar no entendimento das relações abusivas e violentas.

A terapia do esquema (TE) foi desenvolvida por Jeffrey Young, é uma abordagem sistemática criada para ampliar a terapia cognitivo-comportamental. É considerada uma proposta inovadora e integradora, que une elementos da cognitivo-comportamental, a outras escolas: do apego, da gestalt, de relações objetais, construtivista e psicanalítica, integrando-os em um modelo próprio de conceitos e de tratamento rico e unificador (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008). Entre as teorizações de Jeffrey Young está o conceito dos EIDs, bem como o efeito das experiências com cuidadores e figuras de afeto na infância.

No modelo conceitual de Jeffrey Young (2008), os Esquemas iniciais desadaptativos (EIDs), se desenvolvem devido às necessidades não satisfeitas na infância, e geram maior sensação de vulnerabilidade na vida adulta. Os Esquemas iniciais desadaptativos (EIDs), podem se originar em famílias que envolvem a não validação das emoções e estabelecerem limites rígidos de controle. Além de estar

relacionado a vivências negativas na família de origem, os EID 's perpetuam a violência nas relações.

Segundo Young, para cada necessidade emocional não suprida na infância, existe um conjunto de crenças e respostas emocionais compensatórias, que podem ser entendidas a partir do conceito de domínios esquemáticos e seus respectivos EID's. Segundo a Terapia de Esquemas existem cinco exigências emocionais primordiais aos seres humanos, são as seguintes: laços afetivos estáveis, segurança, validação das emoções imposição de limites e independência. Essas exigências contribuem para o desenvolvimento de habilidades, e na formação de identidade.

O conceito de esquemas tem como objetivo, esclarecer os conteúdos psíquicos a partir das experiências de vida do indivíduo, que estabelece sua forma de viver, baseado no significado pessoal que ele atribui a essas experiências. Os esquemas podem ser adaptativos ou desadaptativos. Sendo assim as vivências negativas geram esquemas desadaptativos que podem explicar as vivências de relacionamentos violentos.

Os EIDs, podem estar ligados ao envolvimento em relações de violência conjugal, podendo ser observados em ambos os parceiros.

Existem poucos estudos relacionados aos aspectos subjetivos dos motivos da permanência de mulheres em relações de abuso e violências. Porém em 2013, pesquisas evidenciam características de personalidade comuns em de mulheres em situação de violência conjugal, indiferente do contexto onde estão inseridas. Analisar os esquemas cognitivos das mulheres que vivenciam a violência, ajuda esclarecer o porquê muitas mulheres veem com naturalidade essas relações e porque para elas é tão difícil romper esses relacionamentos.

Squefi e Andretta (2016) inferem que a partir da TE é possível identificar os domínios esquemáticos presentes entre mulheres que vivem situação de violência. Um estudo realizado no Rio Grande do Sul, analisou uma amostra de mulheres que sofreram violências de várias formas ocasionadas por seus cônjuges ou parceiros íntimos. Analisou quais os domínios esquemáticos são ativados nessas mulheres, além de elucidar aspectos relacionados às características cognitivas e de personalidade de mulheres que vivenciam violências de vários aspectos.

Para avaliar os EID 's, utilizou-se o Inventário dos Esquemas de Jeffrey Young, (Young & Brown 1990), que avalia 18 esquemas iniciais desadaptativos.

Foi possível constatar a partir dos resultados de pesquisa, que algumas vítimas apresentam alguns domínios em comum. O domínio Desconexão/Rejeição pode estar relacionado com depressão e com estresse pós-traumático, e conflitos que em grande parte acometem as mulheres em situação de violência. Esse domínio foi encontrado na maioria das mulheres, tem como característica principal a dificuldade de se relacionar e criar vínculos saudáveis e estáveis. As necessidades emocionais relacionadas com estabilidade, cuidado e segurança, possivelmente não foram atendidas na infância, quando se tornam adultos, envolvem-se em relacionamentos autodestrutivos, tendem a repetir padrões de comportamentos. Os EIDs apresentados nesse domínio foram Abandono/Instabilidade, Desconfiança/Abuso, Privação Emocional, Isolamento Social/Alienação, e Defectividade/ Vergonha.

O domínio Supervigilância/Inibição, que foi o seguinte em prevalência, deriva de uma infância totalmente rígida, com autocontrole exacerbado, espontaneidade inibida, quando adultos, são mais propícios a ter uma visão negativa e uma

preocupação exagerada, possuem o pensamento que se não forem altamente cuidadosos, pode gerar uma catástrofe em suas vidas. Os EIDs deste domínio são: Negativismo, Inibição Emocional, Padrões Inflexíveis e Postura Punitiva.

O próximo domínio que se apresentou entre as vítimas foi, Autonomia e desempenho prejudicados, caracterizado por comportamentos de dependência, essas pessoas têm dificuldades para desenvolverem a própria autonomia. São pertencentes a esse grupo pessoas que foram superprotegidas ou negligenciadas, assim quando chegam na vida adulta têm dificuldade de estabelecer metas e fazer escolhas. Os EID's pertencentes a esse domínio são: Vulnerabilidade, Emaranhamento/Self Subdesenvolvido, Dependência/Incompetência e Fracasso.

Já o penúltimo domínio prevaiente foi, Direcionamento para o outro, essas pessoas necessitam da aprovação do outro, para isso colocam as necessidades dos outros sempre a frente das suas. Os EID encontrados: Auto-Sacrifício, Busca de Aprovação e Subjugação.

Por fim, o domínio menos encontrado foi Limites Prejudicados, caracterizado pela dificuldade de respeitar limites e desenvolver autodisciplina. As pessoas neste domínio tendem a ser egoístas, geralmente foram crianças que pertenceram a famílias extremamente permissivas. Os EID encontrados neste domínio são: Arrogo/Grandiosidade e Auto-Controle Prejudicado.

Através da influência dos domínios esquemáticos mais ativos na mulher, se esclarece melhor o ciclo da violência e as dificuldades que dificultam o seu rompimento. O domínio Desconexão/ Rejeição, que foi mais prevalente no estudo, envolve o esquema de Abandono/Instabilidade que é caracterizado pela percepção de que os outros não merecem confiança por passar instabilidade. As mulheres que possuem esse EID podem apresentar uma crença errada de que nunca viveram um relacionamento sincero e seguro, acreditam que devido à instabilidade do relacionamento acabaram sendo abandonadas. Essas crenças contribuem para a mulher aceitar a violência e o controle excessivo do parceiro.

Outro esquema presente no domínio de Desconexão/Rejeição é o de Desconfiança/Abuso, e caracterizado pela crença que a pessoa sempre será abusada, humilhada e enganada. As mulheres em situação de violência, muitas vezes se sentem pressionadas a manter-se no ciclo de violência, pela certeza que sempre serão abusadas, humilhadas e manipuladas.

É de extrema importância que as mulheres tenham uma rede de apoio e ajuda, para entender que é possível vivenciar relacionamentos saudáveis.

A Privação emocional, pertence ao mesmo domínio, firma as crenças de que as necessidades de receber cuidado, empatia e proteção nunca não serão atendidas. Isso gera visão negativa e culpa na vítima que passa a acreditar que merece o sofrimento, e aceita a violência que vive.

O esquema de Defectividade/Vergonha, que se encontra dentro desse mesmo domínio é caracterizado principalmente, pela crença de não ser merecedor de amor por ser defectivo e falho. Esse esquema desenvolve o autoconceito de serem culpadas pelo sofrimento ocasionado pelo parceiro. Já o esquema de Isolamento Social/Alienação, se caracteriza pelo isolamento da pessoa, que tem percepções de não pertencer a nenhum grupo social. É importante que mulheres que vivenciam a violência recebam apoio social para não se sentirem ainda mais fragilizadas e envergonhadas.

Já o domínio de Supervigilância/Inibição, sugere que essas mulheres desenvolveram formas de enfrentamento disfuncionais a longo prazo, uma preocupação excessiva de que algo ruim pode acontecer, é afirmada pela violência que vivenciam. Porém, a generalização deste esquema faz com que as pessoas abdicam de si mesmas e seus desejos em benefício do outro.

Considerando o ciclo da violência, é possível que estes padrões contribuem para manter a relação violenta. Os esquemas neste domínio são: Negativismo/Pessimismo, Inibição Emocional, Padrões Inflexíveis e Postura Punitiva. Dessa forma, as vítimas de violência que pontuam alto nesse esquema podem ter ainda mais dificuldade na superação da situação conflituosa devido a percepção negativa sobre tudo. O esquema de Inibição emocional refere-se a pessoas que possuem dificuldade em expressar sentimentos, causado pelo contexto de violência. Já o esquema de Padrões Inflexíveis têm a característica de comportamento e inflexibilidade. O esquema de postura punitiva, é relacionado a pessoas que apresentam crenças severas relacionadas à punição e à intolerância.

Ao considerar essas informações levantadas na busca sistemática dos dados coletados acima, percebe-se a gravidade da temática exposta, e destaca-se a necessidade de criação de políticas públicas e órgãos de enfrentamento e busca de diminuição de índices de violência no combate aos crimes contra a mulher.

De acordo com o Governo Federal (2024), que disponibiliza serviços e informações em seus canais de comunicação, aqui utilizado como exemplo (gov.br) existem áreas de atuação profissional para que se garanta a igualdade de direitos perante a esse público. E conforme abaixo, há também um quadrante específico para o enfrentamento ao Feminicídio. Com os dizeres desse órgão superior, fica estabelecido que: “Tanto pela legislação nacional quanto pelos acordos internacionais assinados, garantir que todos sejam tratados no Brasil sem distinção de gênero. Tendo em vista o relativo pouco tempo em que as mulheres adquiriram igualdade de direitos em relação aos homens, estabelecem-se programas e serviços que visam garantir a manutenção dessa igualdade”. São esses, conforme Figura 2:

**Figura 2:** Ações Informadas pelo Governo Federal.



**Fonte:** Compilação do autor <sup>1</sup>

<sup>1</sup> A montagem da figura indicada se deu através da coleta de informações obtidas no *site* do Governo Federal, onde são informados, de forma sintetizada, os grandes grupos que abrangem ações que são disponibilizadas e mantidas pelo Governo Federal em relação à proteção e serviços especializados para mulheres.

Concomitante a essas definições, compreende também outros subsistemas que atuam na ação corretiva e de cunho imediatista após o crime contra mulher cometido. Em alguns estudos localizados, como o de Bezerra e Andrade (2022), essas ações tornam-se mais “aplicáveis” nas realidades das vítimas, uma vez que, nem todos os casos são relatados e/ou registrados nas instituições governamentais/estatais tornando assim, um pouco mais distante da efetividade para as mulheres. Dentre esses movimentos menores advindos de outros grupos, destaca-se, como um exemplo, o “Botão do Pânico”, experimento este, descrito no trabalho intitulado “Violência Doméstica Contra Mulheres em Roraima e o Uso de Tecnologias como Mecanismo de Enfrentamento” de Gilmara Pinheiro de Andrade e Sérgio de Souza Bezerra (2022), assim como apresentado também, diversas outras possibilidades de comunicação instantânea da agressão a órgãos competentes. Neste experimento e estudo de análise, os autores detalham:

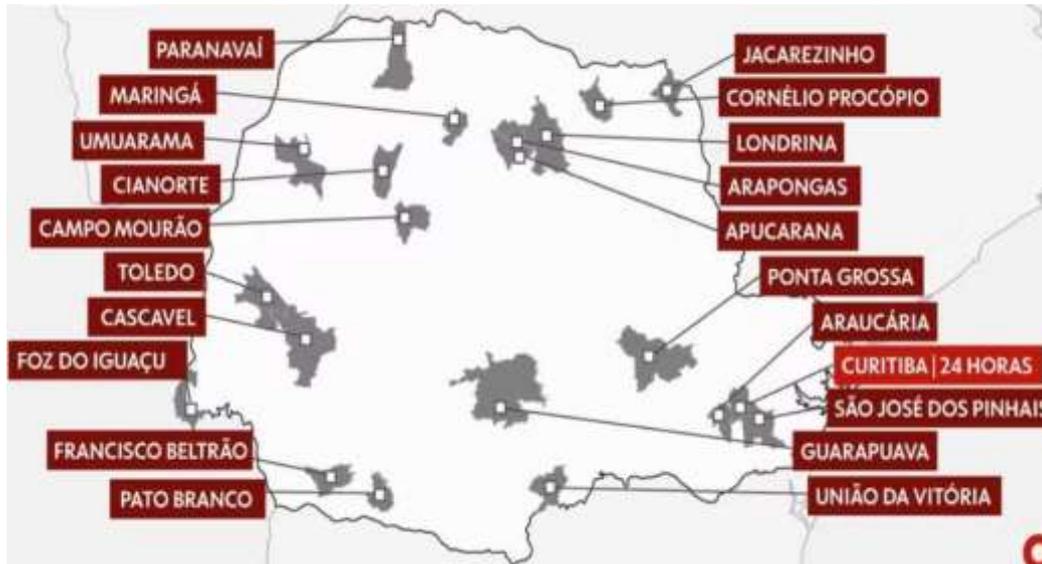
O “Botão do Pânico”<sup>2</sup> é um alarme com aparelho de GPS que emite um alerta quando é acionado, informando que o agressor se aproximou da mulher. O áudio de toda a ameaça começa a ser gravado e a central de monitoramento da Prefeitura recebe o chamado com o endereço e os dados do agressor. Imediatamente a Patrulha Maria da Penha é enviada ao local. Cada mulher que recebe o botão é orientada a acionar o dispositivo sempre que se sentir ameaçada pelo agressor. Para evitar o toque acidental, a mulher deve segurar o equipamento por três segundos, até que o botão possa ser disparado e o sinal seja enviado à Central de Videomonitoramento da Guarda, que recebe as coordenadas do local onde o dispositivo foi acionado e, prontamente, envia a Patrulha Maria da Penha para realizar o atendimento à vítima” (SITE MULHERES SEGURAS/Assessoria de Imprensa Mulheres Seguras, 2015, p.1).

Após refletido os conceitos do estudo informado acima e tendo realizado também diversas pesquisas e leituras acerca do tema decorrente, constatou-se, conforme Figura 3 a seguir, que existe um número relevante de delegacias de atendimento especializado para mulheres no estado do PR, no entanto somente uma delas opera 24h e que esse serviço não está alcançando as regiões mais interioranas do estado.

---

<sup>2</sup> As informações sobre esta ferramenta e suas funcionalidades podem ser acessadas de forma online para melhor compreensão: (<https://www.seguranca.pr.gov.br/Noticia/Entenda-como-funciona-o-Botao-do-Panico-Virtual-ferramenta-para-vitimas-de-violencia>). Dentre essas informações, destaca-se: “O botão é liberado apenas para mulheres que possuem medidas protetivas de urgência, concedidas através da Lei Maria da Penha. Ele possui duas funcionalidades: a primeira é o acionamento imediato da Polícia Militar, que terá acesso à geolocalização e fará um atendimento de emergência por meio das informações disponíveis no aplicativo. [...]A segunda refere-se à possibilidade da gravação do som ambiente durante 60 segundos, que é enviada à equipe policial como material de apoio para a compreensão do contexto da emergência. As duas funcionalidades operam independentemente, de modo que, caso a vítima feche o aplicativo durante a gravação do som, isso não interfira no seu atendimento. O dispositivo está disponível para 15 municípios paranaenses: Londrina, Fazenda Rio Grande, Ponta Grossa, Pinhais, Cascavel, Irati, Araçongas, Curitiba, Foz do Iguaçu, Maringá, Campo Largo, Matinhos, Apucarana, Paranaguá e Araucária. A ferramenta é mais uma alternativa no enfrentamento no combate à violência doméstica, mas não é a única solução.

**Figura 2:** Distribuição das Delegacias de Atendimento à Mulher no Estado do Paraná.



**Fonte:** PC – PR (Polícia Civil do Estado do Paraná).

Essas delegacias estão situadas em cidades que congregam números maiores em quantidade de habitantes, dessa forma, deixando aquêm regiões menores.

No contexto brasileiro, marcado por profundas desigualdades de gênero, a violência contra a mulher se configura como um problema de saúde pública e uma grave violação dos direitos humanos. Diante dessa realidade, diversas políticas públicas foram implementadas com o objetivo de prevenir, punir e erradicar essa forma de violência.

Embora a existência de tais políticas seja fundamental, pesquisas e estudos realizados por psicólogos, como Silva & Oliveira (2018) demonstram que o acesso a esses serviços pode ser limitado para diversos grupos de mulheres, como vítimas de violência no campo, mulheres indígenas, quilombolas, transexuais e prostitutas. Essa lacuna no acesso gera diversos impactos negativos na saúde mental e no bem-estar das mulheres em situação de violência, dificultando o processo de superação da violência e a reconstrução de suas vidas.

Nesse sentido, a Psicologia, como ciência e profissão, assume um papel crucial no combate à violência contra a mulher. Através da psicoeducação, os psicólogos podem contribuir para a desnaturalização da violência, a promoção da cultura de paz e a construção de relações mais justas e equitativas entre homens e mulheres. Costa (2014) destaca a importância da psicoeducação em contextos de violência enfatizando seu papel na prevenção da reincidência e na promoção da autonomia das mulheres.

Além da psicoeducação, os psicólogos também atuam na avaliação, acolhimento e acompanhamento de mulheres em situação de violência, fornecendo suporte emocional e psicológico, orientando sobre seus direitos e auxiliando na construção de um plano de segurança individual. Goldenberg et al. (2005) ressaltam a importância do acompanhamento psicológico como um componente fundamental no processo de recuperação das mulheres vítimas de violência.

O trabalho dos psicólogos se articula com os serviços da rede de atendimento à mulher, como os Centros de Referência Especializados de Assistência Social

(CREAS) e os Serviços de Urgência e Emergência Social (SUAS), que oferecem acolhimento, orientação jurídica, acompanhamento social e psicológico, além de outras medidas de proteção e promoção da autonomia das mulheres. A atuação conjunta de psicólogos e profissionais de outras áreas, como assistentes sociais, advogados e médicos, é fundamental para garantir um atendimento integral e humanizado às mulheres em situação de violência.

#### **4 Conclusão**

Diante do exposto, conclui-se que a dependência emocional em relacionamentos abusivos é um fenômeno complexo com raízes profundas na história individual e nas relações interpessoais. Essas raízes se originam ainda na infância, e trazem forte influência nas escolhas do indivíduo na vida adulta.

De acordo com a literatura estudada da TE, de Jeffrey Young, observou-se que as mulheres em situação de violência costumam ter esquemas iniciais desadaptativos (EIDs) ativados, esse fato contribui para a sua permanência nessas relações. A ativação desses esquemas ocorre devido a química esquemática do casal, através do ciclo abusivo, nessa relação disfuncional a mulher não consegue ter a percepção correta do sofrimento que vive, além de possuir crenças de que merece as violências. As pesquisas constataram que existem EIDs comuns em mulheres que vivenciam relações abusivas e violentas, indiferente do contexto social que vivem. Os EIDs mais prevalentes entre as mulheres são os de desconfiança/abuso e defectividade/vergonha, eles fazem parte do primeiro domínio Desconexão/Rejeição. O Processo Esquemático (PE) mais prevalente nas mulheres que vivenciam uma relação abusiva foi o de resignação, este, refere-se a comportamentos que corroboram para a manutenção do esquema.

Uma outra perspectiva, que também afirma as influências da infância na vida adulta, é relatada através Teoria do Apego de John Bowlby, ela, traz subsídios que afirmam que os tipos de relacionamentos que as mulheres desenvolvem na vida adulta estão relacionados com a qualidade dos vínculos afetivos estabelecidos com a figura de apego que foram originados ainda na infância. Um vínculo mal formado, pode gerar um apego inseguro, onde a mulher procura em seu respectivo parceiro o sofrimento de amor e afeto que faltaram na infância. Esse sentimento é envolto de medo de perder, ansiedade de separação e ilusão de permanência, e na luta de não ficar só, submete-se a um modelo dependente de amar.

Considera-se também a perspectiva através da dialética entre Lévinas e Schopenhauer, em (MATRIZ, 2007) que é possível repensar o amor e as relações interpessoais. O amor autêntico, baseado na responsabilidade mútua, no respeito à individualidade e na compaixão, surge como um antídoto para a posse e a frustração. A construção de um vínculo saudável exige a superação do egoísmo e a assunção de um compromisso com o outro, reconhecendo-o como um sujeito autônomo e digno de respeito.

A atuação da psicologia é fundamental para auxiliar as mulheres que se encontram nessa situação, proporcionando-lhes suporte emocional, ferramentas para o autoconhecimento e estratégias para romper o ciclo da violência.

É importante ressaltar as estratégias que já são desenvolvidas e que podem ser impulsionadas nessas situações de combate, como a utilização de políticas públicas que garantam o acesso gratuito ao atendimento psicológico para mulheres em

situação de violência, em diferentes contextos, como unidades de saúde, delegacias da mulher e centros de apoio à mulher. Divulgar os serviços de atendimento psicológico disponíveis à população, com foco nas mulheres em situação de vulnerabilidade. A estruturação de programas de prevenção à violência contra a mulher e à dependência emocional em relacionamentos abusivos, direcionados a diferentes públicos, como adolescentes, jovens e adultos. O reforço a ações educativas em escolas, universidades e empresas, abordando temas como relações saudáveis, comunicação assertiva e identificação de sinais de abuso. Se faz de extrema importância também, apoiar pesquisas científicas que busquem aprofundar o conhecimento sobre as causas e consequências da dependência emocional em relacionamentos abusivos, bem como sobre as melhores práticas de intervenção psicológica. Divulgar os resultados das pesquisas para a comunidade profissional e para a sociedade em geral, contribuindo para a formulação de políticas públicas mais eficazes no combate à violência contra a mulher.

As políticas públicas de combate à violência contra a mulher são essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. No entanto, é fundamental reconhecer as limitações no acesso a esses serviços e investir na qualificação profissional e na ampliação da rede de atendimento. A Psicologia, por meio da psicoeducação, do acompanhamento psicológico e da articulação com os serviços da rede de atendimento, tem um papel fundamental na luta contra a violência contra a mulher e na promoção da saúde mental e do bem-estar das mulheres em situação de violência.

Articular ações com outros profissionais e instituições que atuam no combate à violência contra a mulher, como assistentes sociais, defensores públicos e ONGs. Profissionalizar as redes de apoio para mulheres em situação de violência, proporcionando um espaço seguro para troca de experiências, acolhimento e fortalecimento da autoestima. Pode-se considerar uma potência aliada o ato de incentivar o empoderamento das mulheres, promovendo sua autonomia econômica, social e emocional. Estimular a participação das mulheres em espaços de decisão e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Ao implementar essas ações, o fazer do Psicólogo pode contribuir significativamente para a redução dos impactos psicológicos ocasionados pela dependência emocional em relacionamentos abusivos.

## **6 Agradecimentos**

### **Emily Vitoria Meira da Luz:**

E, ao fim deste trabalho, primeiramente, expresso minha gratidão à nossa orientadora, Professora Kathleen van de Riet, por sua inestimável orientação, paciência e incentivo constante. Sua dedicação e conhecimento foram fundamentais para o aprimoramento deste trabalho, desde a escolha do tema até a finalização da escrita. Agradeço pelas sugestões, críticas construtivas e por acreditar no nosso potencial.

Agradeço também à minha parceira de desenvolvimento, Márcia Maria Borges, pela colaboração e pelo trabalho em equipe exemplar. As ideias compartilhadas, o suporte técnico e a amizade tornaram essa experiência ainda mais enriquecedora e leve.

Por fim, dedico meus mais sinceros agradecimentos à minha mãe, Edicleia Aparecida Eloy de Meira, pelo amor e apoio incondicional, e por acreditar em meus

sonhos desde sempre. Sua presença constante em minha vida foi a fonte de força e motivação que me impulsionou e ainda impulsiona a cada dia para alcançar meus objetivos.

Aos professores do Curso Superior de Psicologia do CESCAGE e a todos os que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho, meu mais profundo e sincero agradecimento.

### **Márcia Maria Borges:**

E finalizando mais esta etapa, gostaria de externar meus mais profundos agradecimentos a pessoas especiais que fizeram parte dessa trajetória.

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer. Obrigada Deus, que em sua infinita graça, permitiu-me alcançar este sonho, iluminando minha mente e fortalecendo meu coração.

Aos meus pais, por tudo que fizeram por mim, mesmo em meio a algumas intempéries. Obrigada por cada exemplo de vida, minha eterna gratidão!

Agradeço também a toda minha família, pelo amor e carinho que dedicaram a mim, em especial as minhas filhas que são minha maior inspiração, e conquista.

Obrigada por me incentivar a acreditar que eu conseguiria, e por entender minhas ausências! O futuro é feito a partir da constante dedicação no presente!

A querida Professora e orientadora Kathleen van de Riet, não deixarei passar nem mais um dia sem reconhecer que sua ajuda foi fundamental para finalizarmos esta etapa, obrigada por todo incentivo, dedicação, carinho e conhecimento que compartilhou conosco, agradeço o aprendizado e por todos os teus sorrisos contagiantes.

Agradeço a minha colega Emily Vitoria Meira, pelo exemplar trabalho em equipe e por compartilhar comigo além do desenvolvimento deste TCC, as dúvidas, preocupações e risos que ele nos trouxe.

A todos os meus professores do Curso Superior de Psicologia do CESCAGE que me acompanharam ao longo do curso e que, com empenho e carinho, se dedicam à arte de ensinar. Vocês desempenharam um papel significativo no meu crescimento, e devem ser recompensados com minha eterna gratidão.

E por fim, agradeço à Instituição De Ensino Superior Cescage que me acolheu, desafiou e transformou, não apenas em um profissional qualificado, mas em uma pessoa melhor.

### **Referências**

BACH, B., LOCKWOOD, G., & YOUNG, J. (2017). A new look at the schema therapy model: organization and role of early maladaptive schemas. **Cognitive Behaviour Therapy**. Publicação eletrônica antecipada. disponível: <https://doi.org/10.1080/16506073.2017.1410566>

BARBOSA, Thamires Pereira *et al.* Domínios Esquemáticos Apresentados por Mulheres em Situação de Violência Conjugal. **Rev. Psicol. IMED**, Passo Fundo. 2019.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Serviços e Informações do Brasil – Políticas para Mulheres**. 2024. Disponível em:

<https://www.gov.br/pt-br/temas/politica-para-mulheres> Acesso em: 08/06/2024.

BOWLBY, J. **Apego e perda.** (A. Cabral, Trad.). Local: Editora, 1990.

BOWLBY, John. (1989). **Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego.** Porto Alegre: Artes Médicas. 2023 p. Disponível em file:///C:/Users/rdeznote/Downloads/(Bowlby)%20Uma%20base%20segura%20%20aplicac%CC%A7o%CC%83es%20cli%CC%81nicas[6].pdf. Acesso em 15 mai 2024.

CARNEIRO, Terezinha Féres. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **SciELO – Psicologia Reflexão e Crítica.** Página 3-14. Rio Grande do Sul.

CARVALHO, Viviane Soares de; FREITAS, Talita Maria Machado de; Relacionamento Abusivo: o ciclo de aprisionamento e dependência emocional. **JNT-Facit Business and Technology Journal.** qualis b1. fluxo contínuo. maio/2022. Ed. 36. V. 2. Págs. 429-439. ISSN: 2526-4281. Tocantins, 2022.

Cazassa MJ, Da Silva OM. Validação brasileira do questionário de esquemas de Young: forma breve. **Estudos de Psicologia** (PUCCAMP. Impresso), Campinas, 2012.

CIRO, Marcondes Filho. **O outro como um mistério e o feminino como a alteridade absoluta. Sobre a recuperação do face-a-face na comunicação em Emmanuel Lévinas.** Traduzido por Marco Toledo de Assis Bastos e Cristina Pontes Bonfiglioli. MATRIZES. P. 55-74. São Paulo, 2017.

COSTA, S. M. (2014). Psicoeducação em violência contra a mulher: Uma revisão de literatura. **Estudos de Psicologia** (Natal), 19(3), 532-537.

DATASENADO, Instituto de Pesquisa. **DataSenado aponta que 3 a cada 10 brasileiras já sofreram violência doméstica.** Coleta de 21.08 a 25.09.2023. Agência Senado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/11/21/datasenado-aponta-que-3-a-cada-10-brasileiras-ja-sofreram-violencia-domestica>

DE OLIVEIRA, A. M.; BERGAMINI, G. B. Esquemas Desadaptativos de Mulheres em Relacionamentos Abusivos: Uma Discussão Teórica: Imagem: Stock Photos. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente, [S. l.],** v. 9, n. 2, p. 796–802, 2018. DOI: 10.31072/rcf.v9i2.637. Disponível em: <http://revista.unifaema.edu.br/index.php/Revista-FAEMA/article/view/637>. Acesso em: 15 abr. 2024.

DE SOUZA TOSTA, Amanda; CASSEPP-BORGES, Vincent. Entendendo os relacionamentos Íntimos com comportamento abusivo por meio da teoria do apego. **Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology,** v. 55, n. 1, 2021.

FERREIRA DIAS, Antônia Grazianne; **Dependência Emocional: Uma Perspectiva Cognitivo Comportamental a partir da Teoria do Apego e dos Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDS).** Centro Universitário Unichristus. Fortaleza. 2022.

GOLDENBERG, H., SANDIN, E., MAGUIN, C., & Goodman, L. A. (2005). Domestic violence and mental health: A review of the literature. **Journal of Clinical Psychiatry**, 66(12), 1814-1825.

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1232053/>

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. SEGURANÇA PÚBLICA: **Entenda como funciona o Botão do Pânico Virtual, ferramenta para vítimas de violência doméstica**. SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA. 17/03/2021. Disponível em: <https://www.seguranca.pr.gov.br/Noticia/Entenda-como-funciona-o-Botao-do-Panico-Virtual-ferramenta-para-vitimas-de-violencia>

GOVERNO FEDERAL (2006). **Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm)

HALPERIN, C.F, CARNEIRO, J.C.R. **Terapia cognitiva focada em esquemas: integração em psicoterapia. A teoria do apego e as bases familiares da terapia do esquema**. Porto Alegre: Artmed, 2016, p. 39-63.

LÉVINAS, E. (1980). **Ética e infinito**. Trad. José Alberto Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

LÉVINAS, E. (1982). **Entre nós**. Trad. Maria Lucia Azevedo. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

LIMA, Maria Juliana Vieira; FREIRE, José Célio. **O lugar do outro nas relações amorosas contemporâneas: uma leitura ética levinasiana**. Universidade Federal do Ceará - Estudos Interdisciplinares em Psicologia, Londrina, v. 8, n. 2, p. 85-99, Londrina, dezembro, 2017

MOZZAMBANI, A. C. F. Ribeiro, R. L. Fuso, S. F. Fiks, J. P., Mello, M. C. (2011). Gravidade psicopatológica em mulheres vítimas de violência doméstica. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, 33(1), 4347. doi: <https://doi.org/10.1590/S010181082011005000007>

NARVAZ, M. G., & Koller, S. H. (2006). Mulheres vítimas de violência doméstica: compreendendo subjetividades assujeitadas. *Psico*, 37(1), 7-13. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5161476>

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (2005). **Combater a violência baseada em gênero: Uma chave para alcançar os objetivos de desenvolvimento do milênio**. Acesso em: 17 de Fev 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (2002). **Relatório mundial sobre violência**. Recuperado de: <https://www.opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saud e.pdf>

PAIM, K., & Falcke. D. (2016). Perfil discriminante de sujeitos com histórico de violência conjugal: O papel dos Esquemas Iniciais Desadaptativos. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, 18(1), 112129. Recuperado de <http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/887/483>

PAIM, K, Copetti MEK. **Terapia cognitiva focada em esquemas: integração em psicoterapia. Estratégias de avaliação e identificação dos esquemas iniciais desadaptativos.** Porto Alegre: Artmed, 2016, p. 86-105.

PAIVA, C., & FIGUEIREDO, B. (2003). **Abuso no contexto de relacionamento íntimo com o companheiro: definição, prevalência, causas e efeitos.**

**Psicologia, saúde e doenças**, 4(2), 165-184.

PEREIRA, Daniely Cristina de Souza; CAMARGO, Vanessa Silva; AOYAMA, Patricia Cristina Novaki. **Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: Um estudo prático.** Universidade Paranaense.Unipar. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva. Volume XX no 2, 9-25. Paraná, 2018.

RAMIRES, Vera Regina Röhnelt, Schneider, Michele Scheffel. (2010). Revisitando alguns conceitos da teoria do apego: comportamento versus representação?.

**Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 26(1), 25-33. Available from

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722010000100004&lng=en&nrm=iso)

[37722010000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722010000100004&lng=en&nrm=iso)>. access on 26 maio 2024.

<https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000100004>

REICHENHEIM, M. E. Dias, A. S., & Moraes, C. L. (2006). **Co-ocorrência de violência física conjugal e contra filhos em serviços de saúde.** *Revista de Saúde Pública*, 40(4), 595-603.

RENAUD, Vinícius. **partir do fazer, do ter e do ser.** Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal Fluminense (UFF) Sapere Aude – Belo Horizonte, v.4 - n.8, p.294-300 – 2º sem. 2013. ISSN: 2177-6342. Belo Horizonte, 2013.

SANTOS, A., & Moré, C. (2011). **Impacto da violência no sistema familiar de mulheres vítimas de agressão.** *Psicologia: Ciência e profissão*, 31(2), 220-235. doi: <https://doi.org/10.1590/S141498932011000200003>

SCHOPENHAUER, A. (1819). **O mundo como vontade e representação.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Editora Unesp.

SILVA, A. P. M., & OLIVEIRA, M. S. (2018). **A invisibilidade da violência contra a mulher no campo: Um estudo com mulheres vítimas de violência de seus parceiros íntimos.** *Psicologia & Sociedade*, 30(3), 532-537.

SILVA, Daniele da; SILVA, Renata Limongi França Coelho. Violência contra as mulheres nos relacionamentos conjugais e a dependência emocional: fator que influencia a permanência na relação. Faculdade no Noroeste de Minas – **Humanidades & Tecnologia em Revista (Finom)** - ISSN: 1809-1628. Ano XIV, vol. 20. Minas Gerais, 2020.

SILVA, L.L, COELHO, E.B.S, CAPONI, S.N.C. Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. **Interface-Comunic., Saúde, Educ.**, Florianópolis, v.11, n.21, p.93- 103, 2007. [Citado em 20 de Janeiro de 2018]

SQUEFI, M.; ANDRETTA, I. Esquemas iniciais desadaptativos e habilidades sociais educativas: pais e mães. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 12, n. 2, p.83-90, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v12n2/v12n2a04.pdf>. Acesso em: 04/05/2024

WAINER. R, RIJO. D. **Terapia cognitiva focada em esquemas: integração em psicoterapia. O modelo teórico: esquemas iniciais desadaptativos, estilos de enfrentamento e modos esquemáticos**. Porto Alegre: Artmed, 2016, p. 48-63.

WAINER, Ricardo: RIJO, Daniel, **O Modelo Teórico: EIDs, Estilos de Enfrentamento e Modos Esquemáticos**. In: WAINER, Ricardo et. al. (Orgs.). *Terapia Cognitiva Focada em Esquemas: Integração em Psicoterapia*. 1 ed. Porto Alegre:Artmed, 2016. P. 16-26.

WAISELFISZ, J. J. (2015). **Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil**. Flacso Brasil.

YOUNG J.E., KLOSKO J.S, WEISHAAR M.E. **Técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

YOUNG, J.E. **Terapia Cognitiva para transtornos da personalidade: uma abordagem focada no esquema**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed. 2003.

YOUNG, J. E., & Brown, G. (1990). Young Schema Questionnaire. New York: Cognitive Therapy Center of New York.

YOUNG, J. (2003). **Terapia cognitiva para transtornos da personalidade: Uma abordagem focada em esquemas**. Porto Alegre, RS: Artmed.

YOUNG, J.E, KLOSKO, J.S, WEISHAAR, M.E. **Terapia do Esquema: Guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras**. Porto Alegre.